

Relações de Gênero, Étnico-Raciais e Interculturalidade na Educação: desafios, resistências e inclusão

O presente dossiê reúne um conjunto expressivo de artigos que se debruçam sobre as complexas intersecções entre gênero, raça, etnia e interculturalidade nos contextos educativos. A proposta parte do reconhecimento de que a escola, enquanto espaço de formação humana e social, não é neutra, sendo atravessada por disputas simbólicas, políticas e epistemológicas, palco privilegiado para o enfrentamento das desigualdades históricas e a promoção da justiça social.

Os trabalhos reunidos nessa edição da REAe apresentam investigações interdisciplinares oriundas de distintas regiões do Brasil, abordando a pluralidade de sujeitos, linguagens, territórios e práticas escolares. A diversidade metodológica e temática expressa o compromisso com uma educação que reconhece e valoriza as diferenças, combate o racismo, o sexismo, a LGBTQIA+fobia e outras formas de opressão, promovendo uma educação intercultural crítica.

Ao longo dos textos, evidencia-se uma perspectiva ética e política comprometida com práticas antidiscriminatórias e com a construção de espaços escolares mais inclusivos, críticos e sensíveis às singularidades dos sujeitos. O dossiê se configura como uma contribuição significativa ao debate contemporâneo sobre as relações étnico-raciais, de gênero e interculturais na educação, apresentando caminhos possíveis para práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social, a equidade e o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o tecido escolar.

A riqueza e a diversidade de abordagens se revelam desde o primeiro artigo, **Estudantes mulheres nos cursos técnicos dos institutos federais: a produção científica da pós-graduação brasileira (2012-2022)**, no qual Joyce Karoline Guerra de Barros e Andreza Maria de Lima analisam a inserção de mulheres em cursos ofertados por Institutos Federais, refletindo sobre os atravessamentos de gênero que ainda dificultam o acesso e a permanência das estudantes em áreas predominantemente masculinas. Na sequência, **Professores homens na**



Educação Infantil: um estudo sobre a presença masculina nas escolas do município de Santo André, de Raquel Alves Martusewicz, Gustavo Trujillo Mendes e Virgínia Lais Souza, problematiza a feminilização da docência e dos estigmas relacionados à presença masculina na educação de bebês e crianças pequenas, lançando luz sobre as barreiras simbólicas e estruturais que afetam a atuação de homens nesse segmento educacional.

O estudo de Rayra Sarmiento Ferreira Subtil e Larissa Ferreira Rodrigues Gomes, **Concepções de crianças do primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre os indígenas da atualidade: um movimento reflexivo através do uso da tecnologia**, investiga, por meio do uso de tecnologias digitais, como crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental percebem e representam os povos indígenas, contribuindo para o debate sobre educação intercultural e para o enfrentamento de estereótipos ainda presentes no imaginário social.

Em seguida, a temática da negritude no ensino superior é abordada por Maria Fernanda Chagas, Gabriela Pereira Vanzela, Ryan Lopes de Freitas e Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro em **Negritude na universidade: entre transgressões e afetos**. O artigo relata experiências de transgressão no ensino universitário por meio da criação de dois projetos que abordam as relações étnico-raciais na universidade. Nele, as autoras e autor discutem processos de afirmação identitária, resistência e enfrentamento ao racismo estrutural no ambiente acadêmico.

As discussões sobre interseccionalidade e infância ganham destaque no estudo de Thamara Maria Lima Serpa e Etienne Baldez, **A Educação Infantil no DF e a interseccionalidade em gênero e raça: um olhar para o caderno “O brincar como direito dos bebês e das crianças”**, que analisam o caderno pedagógico “O brincar como direito dos bebês e das crianças”, elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, procurando identificar elementos sobre o debate de gênero e raça nas ações propostas no caderno. A partir dessa análise, discutem como as práticas pedagógicas podem promover uma infância plural, antirracista e atenta às relações de gênero e raça.

Vozes silenciadas: a invisibilidade de doutoras negras nas ciências da natureza brasileira e colombiana, de Rejane Maria da Silva Farias e Joselina da Silva, discute como as mulheres negras têm sido historicamente marginalizadas e invisibilizadas nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas voltadas ao ensino de ciências, tanto no Brasil quanto na Colômbia, o que denuncia a persistência do racismo epistêmico na educação científica. Essa temática se conecta ao artigo de Ludmila Jardim da Conceição, Maria Zenaide Alves e Eliete Maria Bueno da Cunha, **O (não) lugar da educação para as relações étnico-raciais nos PPCs**



dos cursos de Pedagogia das IFEs de Goiás, que avalia a incorporação, ou ausência, das Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Pedagogia das Instituições Federais de Ensino Superior do estado de Goiás, a partir da Lei 10.639/03.

A articulação entre afetos, gênero e resistência é o eixo central do estudo de Mayara Ruth Nishiyama Soares, Luciana Lobo Miranda, Marta Clarice Nascimento Oliveira e Alanna Maria da Silva Sousa, **Entre violências e resistências: escrituras de gênero com jovens pesquisadores**, que apresenta escrituras de estudantes de uma escola pública periférica em Fortaleza, sobre suas experiências escolares, explorando as questões de gênero. Movimentos de resistência também permeiam o trabalho de André Luis do Nascimento Mont Alverne, Luan Gonçalves Jucá e Daniel Teixeira Maldonado, **Construções identitárias com as questões de gênero e étnico-raciais nas práticas político-pedagógicas de professoras de educação física**, que, com base em práticas de professoras de Educação Física, discutem como questões de gênero, raça e sexualidade atravessam as aulas, propondo abordagens pedagógicas mais críticas e inclusivas.

Em “**Não, não me sentia representada, nem um pouco**”: entre identidades, diferenças, escola e ensino de biologia, Neilton dos Reis, reflete sobre construção de identidades de gênero e sexualidade, lançando luz às possibilidades de ampliação do binário de gênero, a partir do incômodo de estudantes em não se sentirem representadas nas aulas de Biologia. As vozes dos/as estudantes também estão no centro do artigo de Marilda de Liz Brockveld, Pâmella da Silva de Souza Muniz e Valéria Oliveira de Vasconcelos, **A presença do racismo numa escola de Santa Catarina pela voz dos/as estudantes**, que denuncia práticas racistas no cotidiano escolar em Santa Catarina e propõe caminhos pedagógicos para enfrentamento dessas violências.

O espaço escolar é nosso: transgeneridades discentes e docentes de Docimar de Jesus Felisbino e Eduardo Di Deus explora a temática da transgeneridade ao investigar as experiências de estudantes e professores/as trans em escolas públicas, evidenciando os desafios enfrentados e a importância da construção de espaços escolares mais inclusivos e respeitosos. Em outro artigo, **Pesquisar com pés plantados na terra: por um reflorestamento acadêmico**, Lorena Santos Andrade, Michele de Freitas Faria de Vasconcelos e Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto propõem, por meio da metáfora do “reflorestamento acadêmico”, uma forma de produzir conhecimento enraizada nos saberes ancestrais e nas experiências das comunidades tradicionais.



A potência da literatura infantil para o reconhecimento de identidades negras femininas é discutida por Rosa Silvia Lopes Chaves e Daniela Finco em **Representações de meninas negras brasileiras: literaturas infantis como lugares seguros**, em que as autoras examinam obras literárias infantis como instrumentos de valorização das identidades negras femininas, promovendo o reconhecimento e o empoderamento desde a infância. A construção de identidades também é tema do estudo de Miriã Lúcia Luiz e Brunna Terra Marcelino, **“Se a coisa tá preta, a coisa tá boa”**: desafios e possibilidades do ensino de História no processo de construção e reconhecimento das identidades dos estudantes negros, que refletem sobre o papel do ensino de História na valorização das trajetórias negras, no combate às narrativas eurocentradas e, conseqüentemente, no processo de construção das identidades negras.

Educação da população negra no Brasil: interdições, resistências e ações afirmativas, de Jaqueline Pereira de Oliveira, problematiza as condições de acesso da população negra à escola pública por meio da análise das políticas educacionais brasileiras, discutindo avanços, entraves e resistências. Em articulação com a valorização dos saberes tradicionais, Karoline Hachler Ricardo, André Luis Xavier Peres e Elisandro Schultz Wittizorecki em **A prática corporal e manifestação cultural indígena de Huka-Huka nas aulas de educação física escolar: aproximações e resistências** abordam a presença da prática corporal indígena do Huka-Huka nas aulas de Educação Física, destacando sua potência cultural e política e sua importância na luta contra o apagamento de saberes tradicionais.

O artigo autoetnográfico **O “xirê de gênero e sexualidade” na Amazônia Tocantina: padilhagens autoetnográficas** de André Luiz de Souza Filgueira propõe uma pedagogia insurgente a partir das experiências LGBTQIA+ na Amazônia Tocantina, articulando escuta, corporeidade e resistência. Na mesma linha crítica, Davison da Silva Souza, Rebeca Silva de Oliveira e Juliana Silva Santana, em **“A História que a História não conta”**: populações negras e educação brasileira, problematizam o silenciamento da história das populações negras nos currículos, defendendo um ensino que reconheça e valorize suas contribuições na formação do país.

Carmen Jesus da Silva e José Francisco dos Santos, em **Discurso eugênico racial na educação brasileira (1929-1933)**, se debruçam sobre a problemática relativa ao discurso ideológico eugênico presente no âmbito da educação. Para tanto, resgatam a presença de discursos eugênicos na educação brasileira entre 1929 e 1933, apontando suas conseqüências históricas. Já Elivaldo Serrão Custódio e Adaíles Aguiar Lima, em **A educação das relações étnico-raciais no Plano Municipal de Educação de Santana – AP: do contexto nacional à efetivação de metas e estratégias**, analisam como o Plano Municipal de Educação de Santana



(AP) incorpora as diretrizes nacionais para as relações étnico-raciais, revelando os desafios da implementação local.

Em **Educação científica e questões étnico-raciais: uma proposta intercultural para o ensino de química no nível médio**, Ingrid dos Santos Souza Moreno, Priscila Duarte de Lira e Jean Michel dos Santos Menezes propõem uma abordagem intercultural para o ensino de química no Ensino Médio por meio da realização de sequências didáticas. Nessa perspectiva da diversidade, Gesley Crislane Silva Diniz da Paz e Rebeca Pizza Pancotte Darius, em **Desafios no ensino da diversidade étnica e cultural: percepções de professoras da Educação Infantil e Anos Iniciais**, discutem as percepções das professoras sobre o trabalho pedagógico com os conteúdos da diversidade étnico-cultural e os desafios enfrentados para sua efetivação. Fechando o dossiê, **Docência, história e questões de gênero**, de Luis Fernando Martins Lopes, Ione da Silva Cunha Nogueira e Silvia Adriana Rodrigues, discute as interfaces entre docência, história e questões de gênero, no contexto da feminilização do magistério.

Este dossiê configura-se, assim, como um espaço potente de escuta, denúncia e proposição. Mais do que reunir investigações acadêmicas, os textos apresentados instigam a pensar e repensar a escola como um território de disputas simbólicas, mas também de invenções possíveis, onde se constroem alternativas para o reconhecimento, a convivência e o pertencimento.

As contribuições aqui reunidas reafirmam o papel fundamental da educação na luta por equidade e direitos, convocando docentes, pesquisadores/as, gestores/as e demais agentes educacionais a refletirem criticamente sobre seus contextos de atuação. Ao iluminar histórias, práticas e saberes frequentemente marginalizados, o dossiê assume-se como um gesto coletivo de resistência e de afirmação da vida em suas múltiplas expressões. Espera-se, assim, que este número da REAe inspire novos olhares e práticas comprometidas com a dignidade, a pluralidade e a justiça social.

Marta Regina Paulo da Silva (USCS, Brasil)

Priscila Ferreira Perazzo (USCS, Brasil)

Crislei de Oliveira Custódio (FLACSO)

Daniela Finco (Unifesp, Brasil)

Karla Yolanda Covarrubias (Univ. de Colima, México)

Luís Fernando Herrera Ramírez (Univ. de Antioquia, Colômbia)

